

Projeto para o 3º milênio

Raimundo Rocha

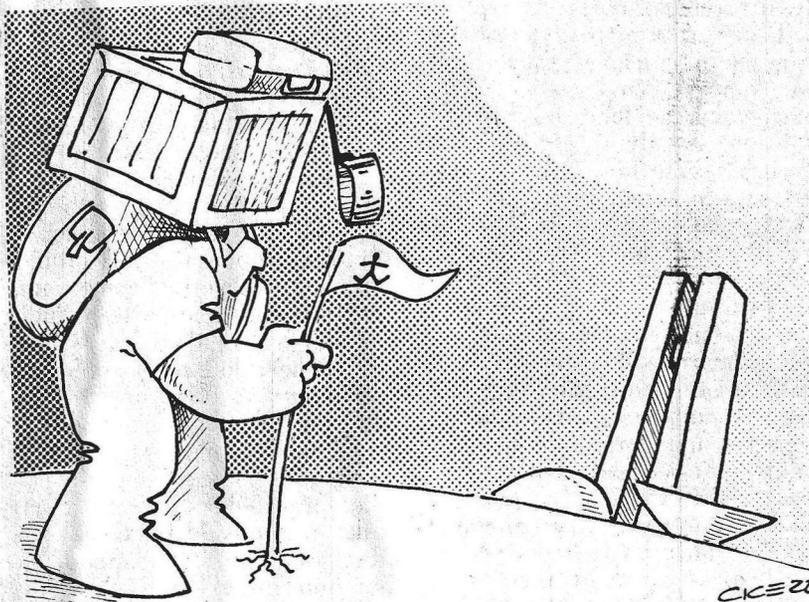
“A idéia que tenho é que estou desembarcando num planeta diferente”. Esta foi a frase dita pelo cosmonauta russo Yuri Gagarin quando pisou no solo brasileiro e se deparou com o concreto da arquitetura moderna logo após à inauguração da nova Capital Federal. Anunciada sob um êxtase aproximado de sua constatação de que a Terra é azul, a impressão do cosmonauta ainda é a de muitos imigrantes, visitantes e turistas que aportam na cidade planejada 31 anos depois de sua inauguração. Mas, como será essa cidade no próximo milênio?

Projetada para abrigar uma população de 500 mil habitantes até o ano 2.000, Brasília, pela força e fruto de grandes correntes migratórias não previstas no exercício futurista de seus criadores, deverá chegar ao Terceiro Milênio com uma população cinco vezes maior que a previsão inicial, estimada em cerca de dois milhões 556 mil habitantes, conforme projeções de uma pesquisa domiciliar feita pela Codeplan.

Atribuindo, a partir de 1990, a taxa média geométrica de incremento acumulativo de 4,03 por cento do ano, verificada na década

População amadurece junto com a cidade

Misticamente considerada como o berço da civilização do Terceiro Milênio, Brasília deverá chegar aos seus 40 anos no ano 2000 com cerca de 72 por cento de sua população também com até 40 anos de idade, e aproximadamente 60 por cento de sua população economicamente ativa, conforme avaliações com base nos dados da pesquisa domiciliar realizada pela Codeplan. Nos seus 31 anos, Brasília conta com aproximadamente 64 por cento de seus habitantes com idade de até 31 anos e do total atual de um milhão e 722 mil moradores, 41 por cento já nasceram no pró-



da de 80, a população urbana do Distrito Federal deverá chegar a 2005 na casa dos três milhões 115 mil habitantes e em 2010 com três milhões 795 mil, portanto, um acréscimo de mais de dois milhões de habitantes sobre o total atual, cerca de um milhão 722 mil, em quase 20 anos.

Nas cristas das ondas das correntes de migração para Brasília, que chegou a registrar um crescimento populacional da faixa dos 14 por cento, como ocorreu na década de 70, os números chegaram a sugerir que o DF chegaria ao Terceiro Milênio com aproximadamente quatro milhões de habitantes, o que comprometeria seriamente o sonho de se formar uma cidade planejada e que deveria servir de espelho para a ocupação urbana no resto do País.

prio DF.

Dos atuais habitantes, cerca de 63 por cento têm dez anos ou mais de residência no DF e cerca de 24 por cento têm cinco anos ou menos de residência, entre os quais estão incluídos também os que nasceram na Capital Federal a partir do ano de 1985. Toda a população brasiliense está abrigada hoje em cerca de 362 mil domicílios, dos quais 132 mil são próprios e quitados, 73 mil em aquisição, 80 mil alugados, 23 mil cedidos, 31 mil funcionais e 20 mil distribuídos por concessão de uso.

A estratificação social resultan-

Pressões sociais — Mas, mesmo com as projeções de crescimento populacional em torno de quatro por cento ao ano, a Brasília dos sonhos pouco resiste às pressões sociais terrenas. Isto, porque parte acentuada da população, aproximadamente 306 mil pessoas, nasceu fora do DF e aqui mora há menos de dez anos, constituindo-se no saldo da corrente migratória do período de 1980 a 1990, conforme aponta a pesquisa domiciliar, realizada pela Codeplan com o objetivo de conhecer os hábitos de deslocamento e as características da população urbana do Distrito Federal. Com esses novos habitantes, aumentam as pressões sobre os equipamentos públicos, como ocorre especialmente com as redes de saúde, educação.

Expansão marca as 3 décadas

O surgimento de loteamentos clandestinos, degradação ambiental crescente e falta de saneamento, de transporte e de outros serviços básicos para a população já aproximam o Distrito Federal dos problemas das grandes cidades brasileiras, em função da grande expansão urbana verificada nos 31 anos de vida da Capital Federal. De acordo com um estudo feito pelo professor do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília (UnB), Rafael Sanzio, com base em fotografias aéreas e imagens de satélites recolhidas nos últimos 26 anos, o DF e o Entorno Imediato, formados pelas cidades de Goiás próximas a Brasília, sofrem uma expansão urbana de cerca de 830 por cento no período de 1964 a 1990.

Pelo estudo, o DF contava com cinco mil 412 hectares de áreas urbanas em 1964 e já em 1977 passava para 23 mil e 44 hectares, chegando a 1990 com 40 mil e 36 hectares ocupados exclusivamente por concentrações urbanas. No Entorno Imediato essa evolução foi ainda mais crescente, passando de 444 hectares em 1964 para dois mil 284 em 1977 e já em 1990 a área urbana dessa região chegou a nove mil e 84 hectares. O estudo também revela que ainda existe uma quantidade significativa de loteamentos abertos e ainda não habitados na região e em todo o DF.

Apesar disso, o autor do estudo avalia que processo de expansão urbana no DF deve continuar com ritmo menor que o verificado nos últimos 26 anos. Ele acredita que a crescente preocupação com o espaço rural e as dificuldades expostas com o zoneamento e a legislação do patrimônio ambiental devem contribuir para garantir essa retração. O chefe do Gabinete Civil, José Roberto Arruda, também acredita que a mancha urbana do DF não sofrerá grandes aumentos e considera que os loteamentos rurais e semi-urbanos não se constituirão como núcleos habitacionais de fato, mas somente abrigarão as chamadas “casas de campo”, comuns em países com habitantes de significativo poder aquisitivo.

te do domínio econômico de áreas consideradas mais nobres, como as do Plano Piloto e adjacências, é demonstrada pelo tipo de imóvel existente no DF. Dos 362 mil domicílios, 91 mil são apartamentos (com 57 mil só em Brasília), cerca de 180 mil são casas de alvenaria e cerca de 19 mil são casas de madeira. Ainda existem no DFa42 mil barracos de madeira e 26 mil de alvenaria, sendo que a maioria deles estão localizados nas satélites de Ceilândia, Taguatinga e Samambaia. Nesta última, cerca da metade dos 28 mil domicílios ainda são barracos.